

ENSINAR E APRENDER MÚSICA NA CULTURA DIGITAL: CRENÇAS E CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

*Teaching and learning music in digital
culture: beliefs and conceptions of students
in a music degree course*

*Enseñar y aprender música en la cultura
digital: creencias y concepciones de los
estudiantes de una carrera de música*

JÚLIO CÉSAR DE MELO COLABARDINI
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
juliomelo10@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta parte dos resultados de uma tese concluída (Colabardini, 2021), que teve como objetivo identificar, analisar e compreender como se dá a utilização de recursos tecnológicos digitais em um curso de licenciatura em música, discutindo a formação discente para e pelas tecnologias. Foi de interesse da referida pesquisa ainda compreender como os discentes, que cursam as etapas finais de suas graduações, enxergam as possibilidades de aprendizagem na *web* e como esses conhecimentos são articulados com a formação no curso em questão. Foi seguida uma abordagem qualitativa, descritiva e analítica. Em relação a coleta de dados, foram utilizados os instrumentos questionário e entrevista semiestruturada. Os resultados trouxeram informações significativas sobre as relações estabelecidas entre os estudantes e as TDIC, dentro e fora do ambiente universitário, sendo possível constatar um grande impacto das tecnologias digitais no processo de formação dos sujeitos investigados.

Palavras-chave: Cultura digital. Tecnologias digitais. Formação de professores.

Abstract: This article presents part of the results of a completed thesis (Colabardini, 2021), which aimed to identify, analyze and understand the use of digital technological resources in a music degree course, discussing student training for and by technologies. It was of interest to this research to also understand how students, who attend the final stages of their graduation, see the possibilities of learning on the web and how this knowledge is articulated with the training in the course in question. A qualitative, descriptive and analytical approach as followed. Regarding data collection, questionnaire and semi-structured interview instruments were used. The results brought significant information about the relationships established between students and DICT, inside and outside the university environment, being possible to verify a great impact of digital technologies in the process of formation of the investigation subjects.

Keywords: Digital culture. Technologies. Teacher education.

Resumen: Este artículo presenta parte de los resultados de una tesis finalizada (Colabardini, 2021), que tuvo como objetivo identificar, analizar y comprender como se utilizan los recursos tecnológicos digitales en un curso de licenciatura en música, discutiendo la formación de los estudiantes para y por tecnologías. Fue de interés para esta investigación comprender también como los estudiantes, que asisten a las etapas finales de su graduación, ven las posibilidades de aprendizaje en la web y como este conocimiento se articula con la formación en el curso en cuestión. Siguió un enfoque cualitativo, descriptivo e analítico. En cuanto a la recolección de datos, se utilizaron cuestionarios e instrumentos de entrevista semiestructurada. Los resultados aportaron información significativa sobre las relaciones que se establecen entre los estudiantes y las TDIC, dentro y fuera del ámbito universitario, siendo posible constatar un gran impacto de las tecnologías digitales en el proceso de formación de los sujetos investigados.

Palabras clave: Cultura digital. Tecnologías. Formación de profesores.

COLABARDINI, Júlio César de Melo. Ensinar e aprender música na cultura digital: crenças e concepções de estudantes de um curso de licenciatura em música. Revista da Abem, v. 30, n. 1, e30104, 2022.

INTRODUÇÃO

Entendemos que a formação musical da maioria das pessoas na contemporaneidade é realizada a partir de diversas fontes de informação e por diversos processos de mediação.

Em meio a todo fluxo de sistemas de signos que nos envolvem, temos o meio digital. Nesse cenário, acreditamos que a internet deu origem a diversas possibilidades para a aprendizagem e trabalhos com música, gerando oportunidades que podem potencializar a educação musical.

Nos últimos anos, temos observado o surgimento de plataformas, com enfoques diferenciados, como *sites* que funcionam como “pontos de encontro” para alunos que desejam conhecer o trabalho de professores que oferecem cursos *online*, como o Play With a Pro (<https://www.playwithapro.com/>), que apresenta um sistema de aulas gravadas por “super-heróis” de diversos instrumentos e contatos de professores de diversas partes do mundo para aulas *online*. O aluno filtra os professores cadastrados e acerta suas aulas como se fossem ocorrer em um conservatório, exceto pelo fato de que são via web-conferência, com *softwares* como o Zoom (<https://zoom.us/>), Google Meet (<https://meet.google.com/>) ou o Skype (<https://www.skype.com/>), embora esses sistemas não sejam ideais para o trabalho com conteúdos musicais, por realizarem uma intensa compressão na transmissão do áudio.

Vale destacar que em se tratando do *software* Zoom, algumas possibilidades são interessantes, como a alternativa de retirar a compressão sonora automática, transmitindo a sonoridade “real” do microfone utilizado, o que amplia o espectro de frequências sonoras e aumenta a qualidade. Há a possibilidade ainda de compartilhamento sonoro de qualquer áudio, podendo o mesmo estar disponível em qualquer endereço da *web*, sendo acessado de qualquer navegador.

Outro caso é o ArtistWorks (<https://www.artistworks.com>), no qual os alunos participantes pagam para assistir a vídeos pré-gravados, com acompanhamento de tutores que indicam materiais e tecem comentários sobre os estudos realizados, bem como dão retorno para vídeos enviados pelos alunos. Diferentemente do YouTube, o estudante paga para ter apoio assíncrono.

Um terceiro modelo é o proposto pelos *sites* Masterclass OSM (<https://www.masterclassosm.com.br>) e Fica a Dica Premium (<https://www.ficaadicapremium.com.br>), ambos brasileiros, que não indicam a possibilidade de *feedback*, mas apresentam um vasto repositório de videoaulas, com acesso mediante pagamento, feitas com a finalidade de ensino e aprendizagem de música por renomados instrumentistas.

Ainda existem cursos como *massive open online courses* (MOOCs), que são *online*, abertos e destinados a um número massivo de participantes, e que têm sido largamente ofertados no campo da música, em plataformas como Coursera (<https://www.coursera.org/>), Kadenze (<https://www.kadenze.com/>), edX (<https://www.edx.org/>), OpenUpEd (<http://www.openuped.eu/>), dentre outras.

Observamos, assim, como as tecnologias têm modificado as formas de produção, composição, apreciação e aquisição de material musical; contudo, é importante refletir sobre as formas de vivenciar a música, pois ao mesmo tempo que o acesso à informação é maior, a capacidade de criação de filtros individuais e coletivos, que ajudem na seleção crítica de informações, deve aumentar.

Observando ainda o cenário contemporâneo, é importante citar que o novo coronavírus se alastrou rapidamente por diversas partes do mundo e, em função do isolamento social imposto, as práticas educativas presenciais foram deslocadas abruptamente e emergencialmente para os mais diversos cenários e ambientes virtuais de aprendizagem, demandando competências digitais para atuação no ciberespaço.

Destarte, o ensino e aprendizagem musical, nos mais diversos âmbitos, têm convivido com um momento de redefinição e buscas metodológicas, para atender às múltiplas demandas da área.

Nesse cenário, o interesse deste artigo está voltado para as crenças e concepções de alunas e alunos do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sobre a docência com a utilização de recursos tecnológicos digitais e o trabalho docente no ambiente sociotécnico da internet.

CULTURA DIGITAL, ENSINO SUPERIOR E LICENCIATURA EM MÚSICA

De acordo com o contexto em que é considerado, o termo “cultura” pode apresentar definições distintas. No entanto, duas parecem mais evidentes: a primeira se refere a valores, crenças, experiências e conhecimentos de um indivíduo, sua cultura particular; mas podemos entender a cultura também como a soma de valores, crenças e práticas vivenciadas por um grupo, em determinado tempo mas não obrigatoriamente no mesmo espaço. Essa segunda definição nos ajudará a compreender o termo “cultura digital”, bem como a definir este momento atual da história da humanidade, em que, a partir do século XX, as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) se expandiram e estão presentes em processos e procedimentos amplos, em todos os setores da sociedade.

Pensando historicamente, a cultura digital parece ser relativamente nova, remontando às décadas de 1980/1990, porém é importante destacar que não se trata apenas da digitalização de culturas já existentes para um novo mundo digital, é possível dizer que a cultura digital possui suas próprias práticas, com conhecimentos, tempos e espaços específicos.

Imersos na cultura digital, as pessoas passam a vivenciar uma nova forma de relação com o conhecimento, inclusive o musical. As possibilidades de uma inteligência compartilhada (Lévy, 2007) e conectada (Kerckhove, 2009) podem surgir da colaboração de muitos indivíduos no ciberespaço. As possibilidades de autoria, participação e criação ganham novos contornos com a cultura digital, e é possível dizer que um espaço dialógico e participativo em potencial se constrói no ambiente sociotécnico da internet, em que

todos podem colaborar com o que sabem e buscar o que não sabem, em um movimento de criação, compartilhamento e apreciação. Esse tipo de comunicação pode ter vários nomes, como comunicação em estrela, comunicação distribuída em rede, todos-todos, muitos-muitos ou multidirecional. Para além da profusão terminológica, o que importa é que existe, em princípio, a premissa de que todos podem se pronunciar, podendo emitir ou receber informações orais, escritas ou outras.

No campo da música, “os meios eletrônicos tornam-se aparatos tecnológicos que auxiliam e facilitam o processo de criação e produção musical”; por meio deles, “a relação da música e seus consumidores/produtores é repensada e apresenta-se cada vez mais de uma forma interativa, na qual as pessoas buscam maneiras de participação, compartilhamento e aprendizagem” (Souza; Freitas, 2014, p. 60).

Segundo Tobias (2015, p. 95-96, tradução nossa), no ciberespaço é possível “desempenhar várias funções musicais como ouvir e discutir música em um *site*, criar e compartilhar listas de reprodução, ou ensinar aos outros como executar a música, gravando e postando tutoriais em vídeo”.

Um exemplo, referente às tecnologias digitais, que nos mostra possibilidades de criação, edição e educação musical, são os *softwares online* de música, programas que funcionam via *web* e que estão disponíveis a partir do desenvolvimento da computação em “nuvem”.

Segundo Gohn (2010, p. 12), os *softwares online* são

ambientes virtuais bastante favoráveis a aprendizagens, partindo de experiências coletivas e de comentários e sugestões vindos de outros usuários. Além de possibilitar comunicações textuais, há o acesso ao material musical produzido, viabilizando discussões fundamentadas em exemplos concretos.

Mas além das mudanças no processo de criação, aquisição e apreciação de material musical, que foi notoriamente facilitado pelas TDIC, as tecnologias digitais e a internet proporcionaram também formas de interação maiores entre público e artista, sendo que o ouvinte, no caso da música, muitas vezes pode passar a participar não apenas do sentido de construção da obra, mas, sim, intervir diretamente como um coprodutor. Exemplos disso são iniciativas de criação coletiva e possibilidades de financiamentos coletivos (*crowdfunding*) de trabalhos artísticos. Através de trabalhos pautados na colaboração e muitas vezes pela livre circulação de informação, artistas podem também trabalhar juntos e se inspirar mutuamente de forma *online*.

No que concerne à educação e à educação musical nos mais diversos âmbitos, diversos autores, entre eles Brant (2008) e Sancho (2006), são unânimes em lembrar que o “verdadeiro poder” de alavancar mudanças na educação, a partir do uso das TDIC, está nas mãos dos atores envolvidos no processo educativo, e não da tecnologia em si. Desse modo, se pressupõe que, mais do que equipar as instituições com os recursos tecnológicos mais recentes, embora esse aspecto seja importante, há muito a ser pensado entre

o espaço da sala de aula (lugar privilegiado para o ensino e aprendizagem e para a atuação docente) e o espaço simulado do ciberespaço (“novo espaço” com potencialidades formativas). Há muito por entender entre os fragmentados tempos educacionais em momentos para a aula e os flexíveis tempos da educação na contemporaneidade.

Destarte, o profissional que atua nesse contexto deve exercer seu trabalho relacionando ação e reflexão evitando que o processo de aprendizagem ocorra de maneira segmentada e reducionista.

Os cursos de música das universidades brasileiras, principalmente as licenciaturas, têm convivido com um momento de redefinição e buscas metodológicas, para atender às múltiplas demandas da área, inclusive as relacionadas com TDIC. Ações como reestruturações em suas bases curriculares e elaboração de projetos políticos pedagógicos, que visam incorporar as dimensões exigidas para a formação docente em geral sem perder de vista as especificidades da música, são extremamente importantes. (Queiroz; Marinho, 2007).

Neste momento, em que a difusão das TDIC desponta como uma realidade cada vez mais presente, é necessário considerá-la enquanto uma dimensão importante dos currículos dos cursos de licenciatura em música. Mas isso não se dará, necessariamente, com a criação apenas de disciplinas específicas sobre tecnologia. A proposta de inclusão das TDIC no currículo é muito mais abrangente e refere-se à necessidade de instrumentalizar o estudante para a utilização de tecnologias contemporâneas em todos os aspectos relacionados com a sua formação.

CAMINHOS DA PESQUISA

Foram focalizados nesta pesquisa discentes do curso de Licenciatura em Música da Unicamp.

As principais questões que nortearam este estudo são: *como um curso de licenciatura em música utiliza em suas disciplinas recursos tecnológicos digitais? Quais são os percursos formativos vivenciados pelos discentes e como a tecnologia impactou suas trajetórias e impacta seus processos de construção, ampliação e atualização de conhecimentos? Como as tecnologias disponíveis na contemporaneidade podem ser utilizadas na formação de professores de música e nas práticas pedagógico-musicais em diferentes contextos?*

Dois instrumentos foram utilizados para a coleta de dados nesta investigação:

- Questionário: disponibilizado no Google Forms, formado por questões objetivas e também por questões abertas.
- Entrevistas: entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados, que objetivaram um maior aprofundamento além da etapa do questionário, bem como preencher as possíveis lacunas deixadas pelo questionário.

A identidade dos sujeitos não foi revelada, respeitando a individualidade de cada participante. Os sujeitos participantes também concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que autoriza a coleta de dados para fins acadêmicos.

A escolha de estudantes que estivessem nos últimos períodos do curso obedeceu ao sexto semestre como referência; a justificativa para tal escolha perpassa o interesse de que o estudante já tenha vivenciado uma boa quantidade de disciplinas obrigatórias do curso e tido a oportunidade de escolher disciplinas optativas de acordo com suas preferências.

Vinte e sete estudantes, que se adequavam ao perfil descrito, foram contatados via *e-mail*; destes, 15 responderam ao questionário e nove se dispuseram e participaram da etapa de entrevistas.

A seguir, observando as falas dos sujeitos desta pesquisa no questionário e entrevistas, abordaremos crenças e concepções sobre a docência com a utilização de recursos tecnológicos digitais e o trabalho docente no ambiente sociotécnico da internet.

CRENÇAS E CONCEPÇÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS TDIC

Marcelo García (2009) afirma que as pessoas em geral orientam suas condutas a partir das crenças que possuem e que construíram durante suas trajetórias. No caso de futuros professores podemos elencar a formação em nível de graduação como um momento muito relevante para a construção dessas crenças, mas é necessário entender que esse processo começa muito antes do ingresso em um curso de nível superior e acontece a partir das vivências do dia a dia do indivíduo, imerso em possibilidades de aprendizagem e atuação diversas.

Sobre a utilização dos termos “crença” e “concepção”, acreditamos ser importante fazer algumas observações, iniciando com nosso posicionamento com relação à definição. Para nós, as crenças são assumidas como estruturas mentais que as pessoas simplesmente acreditam ser corretas ou verdadeiras, sem necessariamente uma fundamentação teórica ou empírica que as sustente. As concepções, por outro lado, entendemos como sendo as estruturas mentais para as quais se tem argumentos que embasem sua validade. Esses argumentos podem ser de ordem tanto teórica como empírica.

Autores como Vila e Callejo (2006) definem as crenças como um modo de conhecimento pessoal e subjetivo, mais arraigado que uma opinião, incorporado a partir de experiências, informações e entendimentos. As crenças são sólidas, mas podem ser modificadas, uma vez que as próprias experiências em contraposição com outras podem transformá-las ao longo da vida.

Já as concepções, segundo Gómez-Chacón (2003, p. 2) podem ser entendidas como “uma estrutura mental geral, que abrange crenças, significados, conceitos, proposições, regras, imagens mentais, preferências e semelhanças”. Ponte (1992) afirma que as concepções possuem natureza fundamentalmente cognitiva, agindo, de certa forma, como filtros, e estruturam o sentido que concedemos às coisas.

Logo, ao buscar por evidências das crenças e concepções de estudantes de um curso de licenciatura em música e futuros professores da área, compreendemos que elas orientam suas atitudes sobre formas de aprendizagem e ensino, para si e para outrem. Procuramos, assim, evidenciar o que no discurso dos sujeitos é declarado. Considerando que há fatores que interferem nas concepções e crenças, é importante analisar não apenas os processos que as constituem, mas também seus reflexos no pensamento e nas ações das pessoas. Nesta pesquisa, a busca por crenças e concepções de futuros professores de música voltou-se para compreender suas ações e pensamentos acerca do uso das TDIC para ensinar e aprender música. Tendo claros esses aspectos, voltamo-nos para a análise dos discursos dos sujeitos.

Ao serem questionados sobre a importância do domínio sobre os recursos tecnológicos para o educador musical, dentre os 15 sujeitos que responderam ao questionário, cinco consideraram essa relação importante, oito consideraram essa relação muito importante e dois indivíduos a consideraram essencial.

Todos os 15 estudantes que participaram dessa pesquisa destacaram de alguma forma a importância do uso da tecnologia em suas vidas. Dentre os principais motivos apareceram a diversidade de opções que aparelhos como celulares e computadores podem oferecer além de serem meios para a entrada no ciberespaço.

Sobre as tecnologias disponíveis no dia a dia dos participantes, todos os sujeitos da pesquisa revelaram utilizar diferentes tecnologias digitais cotidianamente em suas aulas e ensaios, e a maioria afirma que esses recursos acrescentam eficiência e qualificam a prática musical.

Nesse mesmo sentido, os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre ser possível construir conhecimentos musicais significativos através de acesso a conteúdos via internet, como cursos livres *online*, vídeos de *sites* de compartilhamento de conteúdo, redes sociais, recursos educacionais abertos, dentre outros. Quatorze dos 15 estudantes que responderam ao questionário afirmaram que acreditam ser possível a construção de conhecimentos musicais significativos através da internet.

Nesse sentido, observemos o relato do Estudante L:

Eu tento frequentar muito ambientes de música ao vivo e acho isso muito importante, mas pedagogicamente acho que a internet foi até mais importante nessa formação, mesmo sem nunca ter feito aula *online*, porque no Facebook, por exemplo, também tem grupos com transcrições, dicas, exercícios... Eu sinto que na minha formação enquanto músico eu devo muito à internet.

É possível perceber, na fala do Estudante L, que os recursos tecnológicos digitais disponíveis atualmente, especialmente o ambiente sociotécnico da internet, são importantes em sua relação com a aprendizagem musical. No momento em que o estudante revela utilizar redes sociais como o Facebook, percebemos uma forma de utilização que vai além do uso recreativo, tendo

em vista o relato da busca por materiais diversos em grupos que podem ser considerados exemplos de comunidades virtuais (Lévy, 2007).

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2013), a internet e suas diversas plataformas, como as redes sociais, têm revolucionado a vida de diversas sociedades, sendo um dos principais meios para a comunicação mediada. Essa realidade, apontada no discurso de Moran, Masetto e Behrens (2013), se fez presente entre os sujeitos desta pesquisa.

Todos os nove entrevistados afirmaram ter computador em casa e relataram utilizá-lo todos os dias. Dentre os principais usos, estão as redes sociais, as pesquisas de forma geral e o compartilhamento de arquivos diversos.

Prensky (2001) afirma que, em decorrência da predominância de espaços e recursos tecnológicos na vida cotidiana dos estudantes, atualmente eles constroem sua forma de pensar e assimilam as informações de modo diferente de gerações anteriores. O autor ressalta que a velocidade do acesso às informações, a tendência a fazer múltiplas atividades simultâneas e a conexão às redes sociais, além da preferência por recursos gráficos a textos convencionais, são algumas das características das gerações atuais. Essas ideias estão em consonância com Damásio (2011), que defende que processos cognitivos dos indivíduos em geral são modificados por novas formas de agir e interagir no mundo, mergulhados na rede. O autor destaca que estratégias pedagógicas diferenciadas deveriam ser aplicadas junto a jovens fluentes no mundo das tecnologias, de modo a proporcionar o enriquecimento neuronal a partir da plasticidade do cérebro impactada por experiências criativas (Damásio, 2011).

Outro ponto importante a ser ressaltado é que nas falas dos estudantes, durante as entrevistas, ficou clara a crença de que o emprego de artefatos tecnológicos nas aulas pode torná-las mais dinâmicas e pode facilitar ou criar novas formas de representação para o entendimento do conteúdo trabalhado. Vejamos um trecho da fala da Estudante O:

Na escola que eu estudei tinha uma lousa interativa, o professor de Física usava muito, no começo tudo era meio bugado, mas depois ajudou muito, principalmente no meu terceiro ano, tinha coisas que eu só entendia lá... Não tinha aula de música lá, mas nas aulas de Geografia e História a gente via muito vídeo e isso ajudava bastante também... Eu acho que essas coisas podem ajudar muito na aula de música...

Observando o relato da Estudante O, e em consonância com o modelo TPACK (Koehler; Mishra, 2008; Mishra; Koehler, 2006), compreendemos que a tecnologia não deve ser vista como um conjunto de conhecimentos e habilidades que devem ser aprendidas separadamente de outras questões. É necessário considerar cada corpo de conhecimentos de forma relacionada, visto que os fenômenos educacionais não acontecem isoladamente, entendendo que as dimensões tecnológicas, pedagógicas e de conteúdos específicos estão inter-relacionadas e requerem percepção da complexidade da prática pedagógica.

A partir das entrevistas, observamos ainda a crença de que os avanços tecnológicos tornam os preços dos artefatos digitais mais baratos, facilitando a aquisição destes e a democratização de informações. Observemos a fala da Estudante B:

Eu venho de uma família que não [podia] comprar um computador quando eu era adolescente, por exemplo, eu tinha poucos CDs e acabava tendo menos referenciais, menos coisas pra ouvir... com o passar do tempo, mais velha, foi barateando, eu fui tendo mais acessibilidade pra computador, celular e, falando de formação musical, passei a ver coisas que eu tocava lá atrás, buscando ouvir no YouTube, fora os materiais que eu fui pegando, com a internet sendo uma fonte de informação, *blogs* de música, mas o YouTube me salvou assim... Até agora, atualmente, acho que consegui construir conhecimentos sobre musicalização assim...

Foi possível perceber nos relatos, principalmente para os que passaram a maior parte de suas vidas distantes dos grandes centros e para aqueles que não puderam, por motivos diversos, frequentar espaços musicais presencialmente, que, pela ausência desse contato presencial, o recurso do vídeo, através principalmente de espaços como o YouTube, se tornou uma poderosa ferramenta de contato com os mais diversos tipos de material musical, estabelecendo referenciais e gerando possibilidades de acesso. Os sujeitos pesquisados destacam que ao assistirem vídeos de interpretações musicais, ou vídeos que sugerem atividades para a docência, é possível ter uma noção mais precisa do que funciona ou não. Isso parece se dar com respeito aos conteúdos, que podem ser da prática instrumental, da sala de aula de música, da aprendizagem tecnológica, dentre outros, sendo possível, de acordo com os sujeitos, obter uma compreensão mais profunda do que se estuda, do que, por exemplo, apenas por meio da comunicação escrita.

Vemos também, através do discurso dos sujeitos, despontar crenças no sentido de que aspectos organizacionais, relacionados à atuação do educador musical, podem dificultar ou facilitar a inserção das TDIC em suas práticas. Dentre esses aspectos, se encontra, principalmente, a preocupação com a questão do tempo disponível, tanto para o preparo de aulas quanto para o estudo da música e de instrumentos musicais.

Questões de ordem técnica e de suporte com relação à disponibilidade, qualidade e manutenção de equipamentos em futuros locais de atuação também surgem na fala dos sujeitos como fatores importantes.

A ideia de que a maior parte dos ambientes educativos, futuros locais de trabalho para os educadores musicais, pode não possuir estrutura tecnológica e suporte técnico aponta para um problema relevante nesse contexto. A partir da análise dos dados produzidos é possível dizer que os sujeitos possuem a crença de que é necessário o avanço em uma série de fatores de ordem estrutural, principalmente nas redes públicas de ensino, sejam escolas ou

conservatórios, para que eles, futuros professores, tenham melhores condições para incorporar as TDIC às suas aulas de música.

Para Kenski (2007), as questões estruturais das escolas, no que se refere aos recursos tecnológicos, está diretamente ligada à qualidade de ensino que ela oferecerá para seus alunos. Logo, se uma escola não possui condições estruturais para que o professor pense sua prática a partir dessa incorporação das TDIC, de pouco adiantará a formação tecnológica e a intenção de utilizá-las.

Borba e Penteado (2012) destacam algumas situações desfavoráveis com relação à presença das TDIC nas escolas e que parecem perdurar em diversos cenários até hoje. Obstáculos como a falta de continuidade nas políticas públicas e a falta de planejamento para que as TDIC sejam implementadas são apontados pelos autores como situações a serem revistas pelos responsáveis pela administração pública escolar, por exemplo.

A ATUAÇÃO DO MÚSICO E EDUCADOR MUSICAL NA INTERNET

Quando questionados sobre as perspectivas de trabalho e se a internet pode apresentar opções de atuação profissional para o músico-educador musical, 14 dos 15 sujeitos que responderam ao questionário apontaram que sim, e os que foram entrevistados confirmaram suas posições durante a entrevista.

É importante considerar que músicos em geral possuem perspectivas de trabalho que se enquadram em diferentes subáreas da música. É possível atuar como músico *freelancer*, *performer*, em orquestras, projetos sociais, gravações e outras possibilidades. Entre essas funções está a de ensinar música, que envolve tanto os processos de pedagogia de algum instrumento quanto os processos em aulas coletivas de musicalização, percepção musical, apreciação musical, dentre outras.

Sobre o vislumbre de possibilidades para atuação na *web*, observemos o relato extraído da entrevista cedida pelo Estudante F:

Eu tenho muita vontade, eu acho que é um meio que tá se abrindo muito e acho que tem muita gente boa e que é uma forma de você se aproximar de pessoas muito boas e pessoas muito boas se aproximarem de você. Porque não tem como ficar atravessando o Brasil pra ter aula com um professor do Nordeste, mas tem como marcar uma aula *online* ou acessar um curso dele, o que é muito mais prático. No meu trabalho eu quero fazer, mas acho que eu não faria cem por cento, faria isso e outras coisas, seria uma coisa a se pensar, mas seria uma possibilidade de renda muito legal.

Entendemos que o campo da música apresenta muitas mudanças nas relações de trabalho na atualidade, existe uma forte tendência de terceirização de serviços que pode ser observada em diversas formas do trabalho musical e até mesmo na educação de modo geral. As mudanças decorrentes

das possibilidades tecnológicas, a precarização das relações de trabalho e o incentivo ao empreendedorismo por diversos setores da sociedade podem ser citados como parte dessas mudanças. Essas transformações geraram a figura de um músico que se assemelha cada vez mais à figura de um trabalhador autônomo, seja por uma espécie de obrigação para empreender ou mesmo por conta de contratos de trabalho impostos nesse sentido (Requião, 2020).

A Estudante O traz um relato em sua entrevista que perpassa características desse empreendedorismo, focalizando o ciberespaço em sua fala:

Eu tenho vontade de desenvolver cursos *online*, porque eu penso real que é uma fonte de renda, porque, querendo ou não, por mais que você tenha que adaptar o conteúdo ao aluno que você tá dando aula, a gente sabe que tem sempre aquele conteúdo base, que pode ser igual pra todo mundo, a base que você tem que construir... Tem vezes que você tem que tratar de forma diferente pro aluno também, então eu tenho vontade de construir isso, vários cursos, onde o aluno pode ter acesso por um preço mais barato, gravar umas 50 aulas, vendendo pra 300 pessoas, aí eu posso ter atendimento separado pra tratar cada aluno depois, não semanal, mas de um jeito organizado. É bom pro professor, que vai receber desses 300 alunos, e é bom pro aluno, que vai pagar menos...

Na fala da Estudante O, percebemos o desejo de investimento de tempo e trabalho em uma configuração possível e relativamente comum de docência *online*, com a utilização da internet para a oferta de cursos livres em música. A estudante apresenta uma estratégia docente que seria organizada em torno de aulas previamente concebidas e encontros síncronos, revelando um certo grau de compreensão, sistematização e planejamento de possíveis atividades futuras. Percebemos ainda a crença de que é possível prosperar financeiramente com cursos via *web*. Alguns pontos como ambientes virtuais, plataformas de hospedagem, equipamentos, aprofundamentos em abordagens e metodologias e mídias variadas, bem como questões acerca de ambientes de trabalho, não são apresentados na fala da estudante, que parece, de certo modo, compreender o espaço virtual como potencial para o trabalho do músico e educador, mas sem entender a complexa rede de relações que envolvem esse tipo de trabalho, suas potencialidades e possibilidades, bem como aspectos que também abrangem sua precarização.

Contribuindo ainda para a reflexão, observemos o relato do Estudante L, que destaca a atuação *online* de colegas que já se profissionalizaram no campo musical:

Eu nunca fiz aula pela internet, mas eu conheço muitas pessoas que fazem e fizeram aula, até mesmo pra aprender como é isso de aula pela internet... E muitos inclusive vivem desse tipo de formato de aula, acho que a maior parte da renda desses amigos vem desse formato de aula, com canal no YouTube, tem página no Facebook e Instagram pra divulgar e essas coisas.

O relato do Estudante L traz consigo a exemplificação de músicos que já atuam no espaço sociotécnico da internet e que retiram parte de suas rendas de relações que envolvem esse espaço. Destacamos ainda a compreensão do estudante sobre a necessidade de aprender a lecionar nesse contexto, já que o ambiente virtual possui características diferentes de um ambiente presencial, tendo em vista questões logísticas, gestão de tempo e espaço, abordagens pedagógicas, mediação de conteúdo, domínio de artefatos tecnológicos para trabalho com som e imagem de qualidade, materiais e interações síncronas e assíncronas, plataformas de ensino e aprendizagem, mídias variadas, entre outros.

É provável que educadores musicais que desejem atuar no ciberespaço sintam, então, a necessidade de ampliar e atualizar suas bases de conhecimento para a docência. Destacamos, assim, a importância do domínio do conhecimento específico do conteúdo, que, somado a estratégias para a transposição didática desse conteúdo – conhecimento pedagógico – e ao conhecimento das TDIC, formam uma base de conhecimento necessária para uma boa docência virtual.

Seguimos na mesma direção das pesquisas sobre o modelo TPACK (Koehler; Mishra, 2008; Mishra; Koehler, 2006) que, em seu escopo, busca integrar a prática docente e a formação profissional com as tecnologias e que conecta as interações entre os três tipos de conhecimentos citados.

Apesar de relatos sobre a própria prática da docência em espaços virtuais não aparecerem nas falas de nossos sujeitos, fato justificado até mesmo por serem professores de música em formação, sentimos a obrigação de apontar a necessidade de discussão, nas pesquisas em educação musical, sobre o trabalho virtual amparado pela perspectiva de atuação profissional apresentada pelos estudantes e por acreditarmos que qualquer forma de organização do trabalho com vistas a certo objetivo traz consigo implicações positivas e negativas, e aspectos da organização virtual do trabalho docente não seriam exceções.

Nesse cenário, o trabalho via internet nos mostra a partir das reflexões expostas problemas diversos, como: sistemas de remuneração que podem ser diferentes dos tradicionais, necessidade de outros sistemas de controle do trabalho, doenças do trabalho diferentes do sistema presencial, trabalhadores independentes que devem se responsabilizar por seus próprios salários e falta de legislação específica. De certa forma, podemos notar até mesmo a diminuição de determinadas situações de trabalho, como em estúdios, muitas vezes substituídos por *home studios*, e a procura que parece ser crescente por aulas virtuais, e que pode diminuir a procura pelo presencial.

É possível também elencar ainda benefícios, especialmente os ligados a flexibilização do espaço e tempo, como a democratização da informação e formação para locais onde usualmente não há cursos presenciais de qualidade e para pessoas com dificuldades de locomoção, mobilidade reduzida ou que por diversas situações não puderam acessar ambientes presenciais de formação. Acreditamos que se bem utilizada e com metodologias adequadas, a educação via internet pode melhorar consideravelmente as condições de vida

dos seres humanos. É preciso ser realista para entender de que não se trata de nenhuma revolução, mas, sim, de uma adaptação dos modos de vida e trabalho.

Compreender que os sujeitos dessa pesquisa, futuros professores de música, entendem a internet como um espaço possível de atuação profissional é um dado extremamente relevante. Destacamos, então, mais uma vez, a necessidade de uma educação para o uso da internet e das TDIC nos diversos âmbitos de ensino, já que o acesso à informação, formação e ao trabalho através do ambiente sociotécnico da internet requer formação específica e crítica, para um uso inteligente dos meios tecnológicos e o desenvolvimento de entendimentos, atitudes e habilidades que permitam o envolvimento ativo e a manutenção de um desenvolvimento social sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, buscaremos agrupar nossas considerações, sendo válido destacar, para o leitor, alguns pontos vistos como mais relevantes.

É importante enfatizar que os percursos de aprendizagem musical dos participantes envolvem múltiplos contextos, mesclando diferentes tipos de experiências.

Os estudantes, sujeitos desta pesquisa, nos pareceram compreender que a utilização de tecnologias *online* pode ser um meio para o desenvolvimento do pensamento crítico, abrindo possibilidades para o encontro de novas formas de aprendizagem e desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao buscar por evidências das crenças e concepções dos sujeitos desta pesquisa acerca do uso das TDIC para ensinar e aprender música, emergiram questões como: a crença de que é possível construir conhecimentos musicais significativos através da internet e das tecnologias digitais; crença de que o emprego de artefatos tecnológicos nas aulas de música pode torná-las mais dinâmicas e pode facilitar ou criar novas formas de representação para o entendimento do conteúdo trabalhado; de que os avanços tecnológicos tornam os preços dos artefatos tecnológicos mais baratos, facilitando a aquisição destes e a democratização de informações; além do entendimento que aspectos organizacionais, relacionados à atuação do educador musical, podem dificultar ou facilitar a inserção das TDIC em suas práticas, abarcando nesse sentido também questões de ordem técnica e de suporte com relação à disponibilidade, qualidade e manutenção de equipamentos em futuros locais de atuação, por exemplo.

Quando questionados sobre as perspectivas de trabalho, sobre a relação entre trabalho e tecnologias e se a internet pode apresentar opções de atuação profissional para educadores musicais, como já citado no corpo do artigo, 14 dos 15 sujeitos que responderam ao questionário apontaram que sim, e os nove que foram entrevistados confirmaram suas posições durante a entrevista, sendo ainda ressaltada a crença de que é possível prosperar financeiramente ou ao menos conseguir ganhos com o trabalho via *web*.

Entendemos ser ainda oportuno ressaltar que acreditamos na necessidade de ocupação dos espaços *online* por instituições como escolas, centros de formação e principalmente por universidades e institutos federais. Essas são instituições reconhecidas pela qualidade de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão e, ao ocupar também o ciberespaço, poderão ofertar conteúdos de qualidade, confiáveis e com metodologias adequadas, ajudando na seleção de materiais disponíveis, em caminhos de aprendizagem e filtros possíveis no ciberespaço e no estabelecimento de metodologias que levem a uma práxis educativa nos espaços *online*.

É sempre importante ressaltar que as TDIC não substituem os professores, mas podem mediar as relações humanas que sucedem na sala de aula e na sua extensão em um movimento em que o tempo e o espaço ganham novos entendimentos e configurações. Podemos entender o ambiente formativo como um lugar percebido, construído socialmente e simbolicamente, já que a percepção é um processo cultural. Com a flexibilização do espaço e tempo na atualidade, uma sala de aula não precisa estar restrita apenas ao seu espaço material ou geográfico. A sala de aula pode estar em todo lugar e a qualquer momento.

Compreendemos e destacamos nesse cenário a importância da inclusão de práticas pedagógicas e reflexões sobre a utilização e articulação das TDIC com os diferentes conteúdos desde a formação inicial do educador musical.

Mas se faz importante lembrar que não é apenas através da disciplinação e compartilhamento de áreas que poderemos atingir uma base de conhecimentos adequada para a atuação com tecnologias. É claro que o trabalho em uma disciplina específica para o tema pode ser algo favorável, mas é importante considerar que os espaços de ensino e aprendizagem vão além das construções materiais e das disciplinas. As tecnologias, de forma mais transversal, podem potencializar uma arquitetura mais fluida, baseada na interação, mobilidade, flexibilidade e em processos, projetos, práticas e pesquisas. A partir desse entendimento seria possível promover um espaço formativo em que a conexão com o mundo possa se dar através das linguagens da cultura digital, das conexões, trocas e interações, com suportes e técnicas adequados e que ajudem a problematizar o contexto e encarar as demandas trazidas pela contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BORBA, Marcelo de Carvalho; PENTEADO, Miriam Godoy. *Informática e educação matemática*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BRANT, João. O lugar da educação no confronto entre colaboração e competição. In: PRETTO, Nelson; SILVEIRA, Sérgio (org.). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 69-74.

COLABARDINI, Júlio César de Melo. *Educação musical na cultura digital: ensino e aprendizagem e utilização de tecnologias no contexto universitário*. 2021. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

DAMÁSIO, António. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOHN, Daniel. Tendências na educação a distância: os *softwares on-line* de música. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 113-126, jun. 2010.

GÓMEZ-CHACÓN, Inés. *Matemática emocional: os afetos na aprendizagem matemática*. Tradução Daisy Vaz de Moraes; Katia Cristina Stocco Smole. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007.

KERCKHOVE, Derrick. *Inteligencias em conexión: hacia una sociedad de la web*. Barcelona: Gedisa, 2009.

KOEHLER, Matthew J.; MISHRA, Punya. Introducing TPACK. In: American Association of Colleges for Teacher Education (ed.). *Handbook of technological pedagogical content knowledge (TPCK) for educators*. New York: Routledge, 2008. p. 3-29.

LÉVY, Pierre. Abrir o espaço semântico em prol da inteligência coletiva. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2007.

MARCELO GARCÍA, Carlos. Desenvolvimento profissional: passado e futuro. *Sísifo: revista das ciências da educação*, [s. l.], n. 8, p. 7-22, jan./abr. 2009.

MISHRA, Punya.; KOEHLER, Matthew. J. Technological pedagogical content knowledge: a framework for teacher knowledge. *Teachers College Record*, [s. l.], v. 108, n. 6, p. 1017-1054, June 2006.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2013.

PONTE, João Pedro da. Aprendizagens profissionais dos professores através dos estudos de aula. *Perspectivas da Educação Matemática*, [s. l.], v. 5, número temático, p. 7-24, 1992.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, Bradford, v. 9, n. 5, p. 2-6, Oct. 2001.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. Educação musical nas escolas de educação básica: caminhos possíveis para a atuação de professores não especialistas. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v. 17, p. 69-76, set. 2007.

REQUIÃO, Luciana. Mundo do trabalho e música no capitalismo tardio: entre o reinventar-se e o sair da caixa. *Opus*, [s. l.], v. 26 n. 2, p. 1-25, maio/ago. 2020

SANCHO, Juana María. *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SOUZA, Jusamara; FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Práticas musicais de jovens e vida cotidiana: socialização e identidades em movimento. *Música em Perspectiva*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 57-80, jun. 2014.

TOBIAS, Evan S. Inter/trans/cross/new media(ting): navigating an emerging landscape of digital media for music education. In: RANGLES, C. (ed.). *Music education: navigating the future*. New York: Routledge, 2015. p. 91-121.

VILA, Antoni; CALLEJO, María Luz. *Matemática para aprender a pensar*. o papel das crenças na resolução de problemas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Recebido em 29/08/2021, aprovado em 07/03/2022

Júlio César de Melo Colabardini possui graduação em Música pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), especialização em Música Brasileira e Educação Musical pela Universidade Vale do Rio Verde (UninCor), mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutorado em Música pela Unicamp, tendo diversos artigos, capítulos de livro e quatro CDs publicados. Desde 2019 é coordenador adjunto do Grupo de Estudos sobre o Violoncelo, Violino, Viola e Contrabaixo nos Séculos XX e XXI (GRUVIO), que tem sede na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Foi um dos coordenadores do Festival Internacional e Música em Casa (FIMUCA), realizado *online* em 2020 e que reuniu mais de 30 mil pessoas entre professores e estudantes. Atualmente é professor da Escola de Música da UFRN (EMUFRN), coordenador dos cursos técnicos da EMUFRN e coordenador-geral dos cursos *online* da Academia Arte de Toda Gente, fruto da parceria entre Fundação Nacional de Artes (Funarte) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <https://orcid.org/0000-0002-9541-6345>